

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2008

KODŌ

鼓童

ONE EARTH TOUR

PATROCÍNIO DA TURNE NACIONAL KODO



SONY



CO-REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO DA TEMPORADA INTERNACIONAL CULTURA ARTÍSTICA 2008



O Grupo KODO

Ao explorar as possibilidades ilimitadas do tambor japonês tradicional – o *taiko* –, o grupo KODO forja uma nova e vibrante forma de arte. Em japonês, a palavra *kodo* tem dois significados. O primeiro deles é o de “pulsação”, de “batida do coração”, fonte original de todos os ritmos. Nesse sentido, o som do grande *taiko* se assemelharia à pulsação que sentimos no útero materno – os bebês muitas vezes adormecem a ouvir suas trovejantes vibrações. Num segundo sentido, a palavra pode ser interpretada como “crianças do tambor”, o que reflete o desejo do grupo de tocar seus tambores com simplicidade, com um coração de criança.

Desde a sua estréia no Festival de Berlim, em 1981, o grupo KODO realizou mais de 3.100 apresentações nos cinco continentes. Seus artistas passam cerca de um terço do ano no exterior, outro terço viajando pelo Japão e mais um terço na ilha de Sado, onde se preparam e preparam novo material para suas *performances*. Sempre sob o grande tema “Uma Só Terra”, pedra-de-toque de suas turnês, o KODO leva o som do *taiko* a todos os cantos do globo, fazendo sua mensagem e sua música encontrar eco nas mais variadas culturas.

O KODO se esforça também para dar conta de duas vocações complementares: preservar e reinterpretar as artes tradicionais japonesas dessa modalidade de espetáculo, por um lado, e por outro abrir-se e integrar-se às músicas do mundo. Nesse sentido, os integrantes do grupo, que realizam turnês e viagens de pesquisa pelos cinco continentes, trazem para a ilha de Sado um caleidoscópio da música mundial e uma rica diversidade de experiências, que hoje influenciam fortemente os espetáculos e as composições do grupo. A colaboração com outros artistas e compositores, aliada à abertura do KODO a todo tipo de música, amplia o espectro de seu repertório, produzindo sempre novas formas e fusões.

Os Espetáculos do Kodo

Os espetáculos do KODO são construídos a partir de três elementos principais.

O primeiro são as peças baseadas nas artes populares tradicionais, aprendidas com a gente de todo o Japão. A intenção não é simplesmente reproduzir o material colhido, mas, adaptando-o para o palco, captar seu espírito e sua energia universais, tal como fluem por nosso corpo. Artes com raízes profundas no Japão, forma expressiva desenvolvida em íntima relação entre o povo e suas manifestações artísticas, entre criação humana e natureza. Trata-se de um tesouro insubstituível, carregado de significados para os filhos dessa era atordoante. Os artistas KODO gostariam que o maior número possível de pessoas experimentasse as infinitas possibilidades que essas artes contêm.

O segundo elemento dos espetáculos do KODO é formado pelas composições de amigos e mentores do grupo, como os compositores Maki Ishii e Shinichiro Ikebe, os músicos da orquestra kabuqui Roestu Tosha e Kiyohiko Senba, e o pianista de jazz Yousuke Yamashita. O terceiro elemento, por fim, consiste de composições originais dos próprios integrantes do KODO, que utilizam os ritmos e sons dos povos e lugares que tiveram a felicidade de conhecer como matéria-prima para as suas criações. Os espetáculos do KODO articulam uma síntese desses três elementos com a vida dos integrantes do grupo entre as paisagens e os sons da ilha de Sado, onde residem no Japão.

One Earth Tour

Turnê Uma Só Terra

Desde sua primeira turnê mundial, que se estendeu por seis meses do ano de 1984, o KODO vem excursionando continuamente sob a bandeira “Turnê Uma Só Terra”. Esse tema expressa o desejo de transcender limites de linguagens e culturas, lembrando o laço que une todos os seres humanos. O KODO entende o mundo como um caleidoscópio de gentes e culturas. Para seus artistas, neste tempo de contato crescente e comunicação instantânea entre as pessoas de todo o Planeta, é de suprema importância que as diferentes culturas aprendam a reconhecer e aceitar umas as outras, de forma a compartilhar harmoniosamente uma Terra a cada dia menor.

Desde tempos remotos, o *taiko* foi um símbolo de comunidade e serviu de elo entre as pessoas, e entre estas e o céu. Com a “Turnê Uma Só Terra”, o KODO continua a levar o som do tambor japonês aos ouvidos de todo o Planeta. E graças à extraordinária capacidade que tem o *taiko* de transcender barreiras de línguas e costumes, seu som relembra a todos nosso pertencimento a uma mesma e mais ampla comunidade: o mundo.

KODŌ

鼓童

ONE EARTH TOUR

INTÉRPRETES

Eiichi Saito

Takeshi Arai

Kazuki Imagai

Ayako Onizawa

Tsubasa Hori

Masami Miyazaki

Mitsuru Ishizuka

Yosuke Oda

Yoshie Sunahata

Masayuki Sakamoto

Shogo Yoshii

Kenta Nakagome

Hiroko Shimauchi

Mitsuru Ishizuka DIREÇÃO ARTÍSTICA

Katsuhiro Kumada DESENHO DE LUZ

Jun Akimoto, Melanie Taylor ADMINISTRAÇÃO

Tatsuya Dobashi, Masafumi Kazama PALCO

Mitsunaga Matsuura PREPARAÇÃO FÍSICA

PROGRAMA 1h40m, sem intervalo

Zoku

Tobira

Kiyari, Miyake

Mizu-no-Mori

Monocromo

Jang-Gwara

Sankan-shion

Chocho-Nannan

Tamayura-no-Michi

O-daiko

Yatai-bayashi

As obras do programa

Zoku

Zoku significa tribo, família ou clã. Neste caso, a tribo é o grupo que se formou para tocar tambores. Quando você ouve os ritmos, seu corpo tende a se mexer por si, talvez como um reflexo primal de nosso inconsciente. (Leonard Eto, 1989)

Tobira

Eu desejava ver um mundo além deste, então procurei a porta – *tobira* – que me levaria a ele. Até abri-la, não tinha a menor idéia do que me esperava do outro lado. Nesta peça, cada batida está impregnada do espírito dos percussionistas, que se imaginam penetrando num mundo desconhecido. (Tsubasa Hori, 2006)

Kiyari, Miyake

Originalmente, *Kiyari* era uma canção de trabalho entoada para coordenar os esforços dos lenhadores, quando arrastavam grandes árvores. A canção acabou se tornando muito popular também para comemorar ocasiões auspiciosas. Um cantor lançava o canto, e os outros trabalhadores respondiam em uníssono. Esse prelúdio vocal chama os percussionistas à cena para executar *Miyake*, nome de uma das sete ilhas vulcânicas de Izu, ao sul de Tóquio, onde se promove um festival centrado nesse estilo especial de tocar tambor. Os tambores ficam rentes ao chão, o que exige uma postura muito cansativa dos executantes, que tocam sem cessar, como as ondas do oceano quebrando na costa das ilhas de Izu. (Tradicional / KODO)

Mizu-no-Mori

Quando você depara com um tambor que se agiganta à sua frente, é como se estivesse penetrando no espaço que pertence a esse enorme instrumento. É como se olhasse para dentro de seu coração, e o sentisse ligado, de algum modo, ao fundo de um oceano profundo, sem fronteiras. Imagine a força que envolveria uma “floresta no mar”, com a água em torno pulsando como os nervos e fluidos que percorrem o corpo de um ser vivo. Esta canção pretende expressar o mundo tal como ele seria visto do fundo do mar azul. (Tsubasa Hori, 2008)

Monocromo

Entretecendo motivos rítmicos constantes com outros altamente irregulares, *Monocromo* se desenvolve em espiral até atingir um clímax arrebatador. O ouvinte pode entender as canções como se elas expressassem a mudança das estações, ou mesmo, talvez, como a própria progressão da vida. A batida ambiciosa expande o alcance e o poder de expressão do *shime-daiko*. (Maki Ishii, 1976)

Jang-Gwara

Pequenos címbalos de metal são comuns numa faixa que se estende desde o Oriente Próximo até o Japão, onde esses instrumentos aportaram, via Oriente Médio, logo nos primeiros tem-

pos do budismo, como instrumentos religiosos. Hoje conhecidos como *jangara*, *chappa* e *tebira*, são usados em toda parte no acompanhamento musical. Nesta peça, os executantes usam várias técnicas para mostrar a extensa amplitude de ritmos e sons que *Jang-Gwara*, esse antigo instrumento, pode produzir. (Ryutaro Kaneko, 1992)

Sankan-shion

Sankan-shion significa “três dias frios, quatro dias quentes”. A peça refere-se a um período no fim do inverno, quando se diz que essa seqüência é reproduzida. No longo e severo inverno japonês, a ilha de Sado é rodeada pela pesada cor cinzenta do mar e por céus ameaçadores, que fazem a primavera parecer sempre muito distante. Nessa época, embora ainda se ouça o assobio dos ventos frios do inverno, o povo de Sado começa a orar para que a primavera esteja próxima. Encarnando tal esperança, esta peça é tocada no poderoso *miya-daiko*. (Eiichi Saito, 1992)

Chocho-Nannan

Em japonês *chocho* significa borboleta, uma criatura que, com suas asas translúcidas, acredita-se tenha um poder sagrado. A dança apresentada em *Chocho-Nannan* exprime a poderosa emoção da esperança, captada por movimentos que são ao mesmo tempo vigorosos e fluidos, como os de uma borboleta. (Eiichi Saito / Ayako Onizawa, 2006)

Tamayura-no-Michi

Tamayura é o orvalho que repousa nas folhas de relva. Lindo mas frágil, parece falar da própria vida. *Tamayura-no-michi*, que significa “caminho coberto de orvalho”, fala de uma viagem através da vida, brilhando suavemente como o orvalho fugaz do amanhecer. (Shogo Yoshii, 2008)

O-daiko

Esse grande tambor, talhado num tronco de árvore, mede cerca de 1m20 de diâmetro e produz sons intensos, que proporcionam uma profunda tranquilidade. Entregue-se às vibrações criadas quando o poder desse antigo instrumento e a arte do percussionista se fundem, formando um só todo. (Tradicional / KODO)

Yatai-bayashi

Todos os anos, no dia 3 de dezembro, a prefeitura de Saitama organiza um festival que se prolonga noite adentro. Nesse festival, *yatai* (carros) ricamente decoradas são levadas de aldeia em aldeia. As pessoas que puxam os *yatai* são estimuladas pela poderosa batida do *taiko*, oculto na exigua plataforma dos carros, o que requer que o intérprete toque sentado seu tambor. Nossa versão do tradicional *Yatai-bayashi* é interpretada num tempo mais rápido, proporcionando-lhe um sabor ardoroso muito original. (Tradicional / KODO)